

COMPORTAMENTOS AGRESSIVOS E REAÇÕES À AGRESSIVIDADE ENTRE ESCOLARES

Aggressive behaviors and reactions to aggression between schools

Comportamiento agresivo y reacciones a la agresividad entre escolares

Michelle Carvalho de Souza¹, Letícia Maria Franco de Matos², Adriana Olímpia Barbosa Felipe³, Flávio Bittencourt⁴, Maria Betânia Tinti de Andrade⁵

Como citar este artigo:

Souza MC, Matos LMF, Felipe AOB, Bittencourt F, Andrade MBT. Comportamentos agressivos e reações à agressividade entre escolares. 2021 jan/dez; 13:415-420. DOI: <http://dx.doi.org/0.9789/2175-5361.rpcfo.v13.9118>

RESUMO

Objetivo: identificar os comportamentos agressivos e as reações à agressão entre escolares e verificar se há associação com as variáveis idade, sexo, escolaridade, situação conjugal dos pais e ao tipo de instituição escolar. **Método:** estudo descritivo, transversal e quantitativo. População composta por 492 crianças, a qual gerou uma amostra de 26 crianças da escola privada e 86 da escola pública, que responderam ao Questionário de Comportamentos Agressivos e Reativos entre Pares. Os dados passaram pela análise descritiva e o teste exato de Fisher. **Resultados:** a maioria das crianças apresentou agressividade e reações agressivas abaixo da média. E no que se refere as reações a agressividade as mais frequentes foram as respostas internalizadas. **Conclusão:** os dados obtidos podem nortear intervenções de combate e prevenção da agressividade escolar. Porém, ficou evidente que será necessário desenvolver estudos com designs metodológicos mais robustos. **Descritores:** Criança; Agressão; Estudantes; Educação em saúde; Enfermagem.

ABSTRACT

Objective: to identify aggressive behaviors and reactions to aggression among schoolchildren and to verify if there is an association with the variables age, sex, schooling, parents' marital status and type of school institution. **Method:** descriptive, cross-sectional and quantitative study. A population composed of 492 children, which generated a sample of 26 children from the private school and 86 from the public school, who answered the Questionnaire on Aggressive and Reactive Behaviors among Peers. Data were subjected to descriptive analysis and Fisher's exact test. **Results:** most children presented aggression and aggressive reactions below average. And the most frequent reactions to aggression were the internalized responses. **Conclusion:** the data obtained can guide interventions to combat and prevent school aggression. However, it has become evident that it will be necessary to develop studies with more robust methodological designs. **Descriptors:** Child, aggression, Students; Health education, Nursing.

- 1 Enfermeira. Residente no Programa de Residência Integrada Multiprofissional em Saúde da Criança e do Adolescente, Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba-Minas Gerais-Brasil. *Bolsista do Programa de Educação Tutorial/SESu/MEC.
- 2 Enfermeira. Pós-graduanda em Enfermagem Obstétrica, Faculdade Pitágoras, Poços de Caldas-Minas Gerais – Brasil.
- 3 Enfermeira. Doutora em Saúde, Universidade Federal de Alfenas, Alfenas-MG-Brasil.
- 4 Matemático, Doutor em Engenharia Agrícola, Professor, Universidade Federal de Alfenas, Alfenas-MG-Brasil.
- 5 Enfermeira. Doutoranda do Programa de Enfermagem Psiquiátrica da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP. Docente do Curso de Enfermagem da Universidade Federal de Alfenas-Minas Gerais-Brasil.

RESUMEN

Objetivo: identificar los comportamientos agresivos y las reacciones a la agresión entre escolares y verificar si hay asociación con las variables edad, sexo, escolaridad, situación conyugal de los padres y al tipo de institución escolar. Método: estudio descriptivo, transversal y cuantitativo. Población compuesta por 492 niños, la cual generó una muestra de 26 niños de la escuela privada y 86 de la escuela pública, que respondieron al Cuestionario de Comportamientos Agresivos y Reactivos entre Pares. Los datos pasaron por el análisis descriptivo y la prueba exacta de Fisher. **Resultados:** la mayoría de los niños presentó agresividad y reacciones agresivas por debajo de la media. Y en lo que se refiere a las reacciones a agresividad las más frecuentes fueron las respuestas internalizadas. **Conclusión:** los datos obtenidos pueden orientar intervenciones de combate y prevención de la agresividad escolar. Sin embargo, resulta evidente que será necesario desarrollar estudios con diseños metodológicos más robustos.

Descriptor: Niño, Agresión; Estudiantes; Educación en salud; Enfermería.

INTRODUÇÃO

O comportamento agressivo na infância é identificado de diversas maneiras, podendo ser dirigido aos familiares, professores, pares, animais ou objetos. Quando se refere aos pares são expressos através de atitudes físicas como chutar, empurrar e bater e atitudes verbais como ofender, gritar e discutir.¹

A agressividade pode trazer grandes prejuízos, tanto para quem a pratica, como problemas sociais, isolamento, tendência a práticas criminosas e ao desemprego na idade adulta; como para suas vítimas, por exemplo, ansiedade, depressão, abuso de substâncias e suicídio.²

Esse comportamento é vivenciado praticamente em todas as escolas e todos os dias. Normalmente, a agressividade é usada pelas crianças como uma forma de solucionar seus problemas. Entretanto, sabe-se que essa conduta não pode ser aceita, nem tão pouco negligenciada, para que não se torne o único modo de solução de conflitos apreendido.³

A fase escolar é um período propício para se realizar intervenções que busquem impedir a naturalização do comportamento agressivo através do conhecimento e compreensão do seu processo e manifestações, evitando assim prejuízos futuros.⁴

Sendo assim, o estudo justifica-se pela necessidade de pesquisas que se preocupem em avaliar as causas e fatores relacionados à agressividade na infância. Além do que poderá subsidiar os profissionais de saúde e de educação para que tenham condições de atuar na escola com enfoque nas ações de educação, de forma que esse venha a contribuir na qualidade de vida de todos os inseridos, direta ou indiretamente.

Portanto, objetivou-se com esse estudo identificar os comportamentos agressivos e as reações à agressão entre os pares de escolares e mensurar a associação desses comportamentos com as variáveis: idade, sexo, escolaridade, situação conjugal dos pais e o tipo de instituição escolar; pública e privada.

MÉTODO

Trata-se de um estudo quantitativo, com abordagem descritiva e transversal, desenvolvido em duas escolas de uma cidade no Sul de Minas Gerais, escolhidas por conveniência.

A população do estudo foi composta por 70 crianças da escola privada e 422 da escola pública, a qual gerou uma amostra de 26 crianças da escola privada e 86 da escola pública. Os critérios de inclusão foram: escolar com oito a 12 anos de idade incompletos, conforme o referencial estabelecido pelo Estatuto da Criança e do Adolescente⁵ e do instrumento a ser utilizado; estar matriculado na escola cursando o ensino fundamental e estar presente na sala de aula no momento da coleta. As crianças que não apresentaram os termos de consentimento e assentimento assinados foram excluídas da pesquisa, o que dificultou a coleta de dados. Para minimizar essa problemática, foi realizada reunião com os pais e responsáveis, mesmo assim, houve pouca aceitação.

A coleta de dados ocorreu entre o período de novembro de 2016 a abril de 2017. Para isso foi utilizado o Questionário de Comportamentos Agressivos e Reativos entre Pares (Q-CARP) que foi traduzido para o Brasil e validado pelas autoras. É um questionário de autorrelato composto por duas escalas (Escala de Comportamentos Agressivos- ECA e Escala de Reação à Agressão- ERA) com um formato do tipo likert.¹

Salienta-se que foram distribuídos, em média, 592 cópias desses termos e que poucos demonstraram interesse em participar. Pesquisa aponta que uma das grandes dificuldades em realizar pesquisas é obter autorização dos responsáveis legais de todas as crianças.⁶

Em relação à apresentação dos dados, realizou-se a análise descritiva, com frequência absoluta e relativa. A associação entre idade, sexo, escolaridade, situação conjugal dos pais e tipo de instituição de ensino versus as variáveis inerentes aos comportamentos e reações agressivas entre os escolares foram mensuradas por meio do Teste Exato de Fisher utilizando o programa R considerando-se a associação estatisticamente significativa para $p < 0,05$.⁷ O escore do instrumento Q-CARP foi obtido através dos tercís (agressividade abaixo da média, na média e acima da média).

O projeto foi enviado ao Comitê de Ética da Universidade e após receber a aprovação no dia 27 de outubro de 2016 (Parecer nº 1.805.855) foi realizada uma reunião com os pais e entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. As crianças cujos pais não puderam comparecer foram orientadas a entregar o termo para os mesmos. Além disso, cada criança foi consultada a respeito do desejo de participar do estudo através do Termo de Assentimento Informado.

RESULTADOS

Entre os 122 participantes, 65 crianças (58%) tinham entre 10 e 11 anos de idade e 70 crianças (62,5%) eram do sexo feminino. As séries de maior percentual foram o quarto

e quinto anos com 97 alunos (86,6%) e o tipo de escola mais prevalente foi a pública (77%). No quesito situação conjugal dos pais, percebe-se que 81 casais vivem juntos (72%) e o restante (28%) vive separado.

Quanto a classificação geral da agressividade verificou-se que houve um pequeno índice de crianças altamente agressivas, uma vez que a grande maioria encontra-se entre a classificação baixa e média. Contudo, constatou-se que as reações internalizadas apresentam a maior porcentagem com classificação alta, como pode ser observado na Tabela 1.

Tabela 1 - Classificação da agressividade dos escolares. Alfenas, Minas Gerais, Brasil, 2017.

ECA/ERA	Classificação da agressividade	n=112	%
ECA	Baixa	85	76
	Média	21	19
	Alta	06	05
ERA - Reações agressivas	Baixa	81	72
	Média	26	23
	Alta	05	05
ERA - Reações Internalizadas	Baixa	41	36
	Média	48	43
	Alta	23	21

Fonte: Autores. Alfenas, 2017.

A baixa frequência de comportamentos agressivos na amostra estudada é melhor observada através das respostas da Escala de Comportamento Agressivos apresentada na Tabela 2, uma vez que a opção “nunca acontece de chutar ou dar um tapa em seus colegas” e “nunca acontece de empurrar ou arrastar os seus colegas” foram as mais escolhidas.

Entretanto, ainda em relação à escala de comportamentos agressivos o quesito “debochar” e “gritar” com os colegas apresentaram maiores taxas em relação a sua ocorrência, tanto em todos os dias como às vezes. Sendo assim, nota-se que a agressividade verbal foi a mais recorrente.

Tabela 2 - Distribuição das respostas dos escolares referente a Escala de Comportamentos Agressivos. Alfenas, Minas Gerais, Brasil, 2017.

Perguntas	Resposta	n = 112	%
Quantas vezes acontece de você chutar ou dar um tapa nos seus colegas?	Todos os dias	02	02
	Às vezes	14	12
	Poucas vezes	21	19
	Nunca acontece	75	67

Perguntas	Resposta	n = 112	%
Quantas vezes acontece de você dizer coisas ruins para seus colegas?	Todos os dias	01	01
	Às vezes	19	17
	Poucas vezes	19	17
	Nunca acontece	73	65
Quantas vezes acontece de você debochar (rir) de seus colegas?	Todos os dias	07	06
	Às vezes	19	17
	Poucas vezes	27	24
	Nunca acontece	59	53
Quantas vezes acontece de você gritar com seus colegas?	Todos os dias	06	05
	Às vezes	16	15
	Poucas vezes	25	22
	Nunca acontece	65	58
Quantas vezes acontecem de você empurrar ou arrastar seus colegas?	Todos os dias	03	03
	Às vezes	08	07
	Poucas vezes	13	12
	Nunca acontece	88	78

Fonte: Autores. Alfenas, 2017.

Com relação a Escala de Reação à Agressão concluiu-se que em média 40 participantes (35,5%) apresentaram esse comportamento com frequências variadas (sempre, às vezes e poucas vezes). Em relação ao comportamento que sempre acontece frente a agressão, as respostas mais marcadas foram “bater no colega quando ele diz coisas ruins e debocha”, por nove crianças (8%); e “gritar ou tratar mal o colega quando ele pega ou estraga uma coisa sua”, por cinco crianças (6%).

Por meio da Escala de Reações Internalizadas a expressão “chorar ou ficar emburrado”, foi emitida por 79 crianças (71%) quando um colega diz coisas ruins, ri ou debocha, por 77 crianças (69%) quando um colega bate ou empurra e por 73 crianças (65%) quando um colega pega ou estraga seus pertences.

A busca de apoio do professor quando o aluno sofre algum tipo de agressão foi evidenciada por 44 escolares (60%) que sempre procuram por ajuda. Entretanto, encontrou-se uma taxa expressiva de em média 19 crianças (17%) que nunca recorrem ao professor como fonte de apoio.

Por meio da análise bivariada, na Tabela 3 observa-se que a única dimensão que apresentou associação estatisticamente significativa ($p < 0,05$) refere-se as reações agressivas e o sexo, do qual os meninos apresentaram um valor mais alto. Os comportamentos agressivos, as reações internalizadas e a busca de apoio do professor não se apresentaram estatisticamente significantes com essa variável.

Tabela 3 - Análise bivariada entre os resultados dos comportamentos agressivos, reação agressiva, internalizada e da busca de apoio do professor de acordo com o sexo dos escolares. Alfenas, Minas Gerais, Brasil, 2017.

ECA/ERA	Classificação da agressividade	Feminino (n=70)	%	Masculino (n=42)	%	Valor-p
ECA	Baixa	56	80,0	29	69,0	0,4425
	Média	11	16,0	10	24,0	
	Alta	3	4,0	03	7,0	
ERA - Reações agressivas	Baixa	55	78,5	26	62,0	0,0065
	Média	15	21,5	11	26,0	
	Alta	0	0,0	05	12,0	
ERA - Reações internalizadas	Baixa	21	30,0	20	48,0	0,1644
	Média	34	48,5	14	33,0	
	Alta	15	21,5	08	19,0	
ERA - Busca de apoio do professor	Baixa	16	23,0	10	24,0	0,3860
	Média	29	41,5	22	52,0	
	Alta	25	35,5	10	24,0	

Fonte: Autores. Alfenas, 2017.

No que concerne as diferenças entre a faixa etária e a avaliação dos comportamentos agressivos, reações internalizadas e a busca de apoio do professor, não houve associação estatisticamente significativa ($p > 0,05$). Apenas na reação agressiva verificou-se a associação estatisticamente significativa ($p < 0,05$) em relação a faixa etária, revelando que as 19 crianças (40,5%) que apresentaram uma reação agressiva entre o nível médio e alto tem entre oito e nove anos.

Os resultados da Tabela 4 apontam uma associação estatisticamente significativa entre os comportamentos agressivos ($p < 0,05$) e reações agressivas ($p < 0,05$) com a instituição de ensino. As crianças da escola pública apresentaram maior porcentagem desses comportamentos. Não houve associação estatisticamente significativa entre as reações internalizadas e a busca de apoio do professor com o tipo de instituição de ensino.

Tabela 4 - Análise bivariada entre os resultados dos comportamentos agressivos, reação agressiva, internalizada e da busca de apoio do professor de acordo com o tipo de escolas dos escolares. Alfenas, Minas Gerais, Brasil, 2017.

ECA/ERA	Classificação da agressividade	Escola pública (n= 86)	%	Escola privada (n=26)	%	Valor-p
ECA	Baixa	60	70,0	25	96,0	0,0187
	Média	20	23,0	1	4,0	
	Alta	6	7,0	0	0,0	
ERA - Reações agressivas	Baixa	56	65,0	25	96,0	0,0041
	Média	25	29,0	1	4,0	
	Alta	5	6,0	0	0,0	
ERA - Reações Internalizadas	Baixa	28	32,5	13	50,0	0,2679
	Média	40	46,5	8	31,0	
	Alta	18	21,0	5	19,0	
ERA - Busca de apoio do professor	Baixa	13	15,0	8	31,0	0,1593
	Média	18	21,0	6	23,0	
	Alta	55	64,0	12	46,0	

Fonte: Autores. Alfenas, 2017.

A comparação das variáveis de pais que vivem juntos ou não e a avaliação do comportamento e a reação a agressão é apresentada na Tabela 5. Pôde-se observar que não houve associação significativa entre as variáveis citadas. Contudo, observa-se que as crianças que têm pais separados apresentam maiores porcentagens para a classificação média e alta em todos os quesitos de comportamentos agressivos.

Tabela 5 - Análise bivariada entre os resultados dos comportamentos agressivos, reação agressiva, internalizada e da busca de apoio do professor de acordo com a situação conjugal dos pais dos escolares. Alfenas, Minas Gerais, Brasil, 2017.

ECA/ERA	Classificação da agressividade	Pais que vivem juntos (n=81)	%	Pais que vivem separados (n=31)	%	Valor-p
ECA	Baixa	64	79,0	21	68,0	0,4244
	Média	13	16,0	08	26,0	
	Alta	04	5,0	02	6,0	
ERA - Reações agressivas	Baixa	60	74,0	21	68,0	0,3014
	Média	19	23,5	07	22,5	
	Alta	02	2,5	03	9,5	
ERA - Reações Internalizadas	Baixa	31	38,0	10	32,0	0,7642
	Média	33	41,0	15	48,5	
	Alta	17	21,0	06	19,5	
ERA - Busca de apoio do professor	Baixa	19	23,5	02	6,5	0,0810
	Média	15	18,5	09	29,0	
	Alta	47	58,0	20	64,5	

Fonte: Autores. Alfenas, 2017.

O ano escolar não mostrou associação significativa com o comportamento agressivo e a reação a agressão ($p > 0,05$). Mas percebe-se que nove crianças (60%) do 1º ao 3º ano possuem uma frequência média de reações internalizadas e que 39 crianças (40,2%) do 4º e 5º ano também possuem essas reações.

DISCUSSÃO

A amostra do estudo foi composta em sua maioria por meninas. Esse fato refere-se a características próprias do sexo feminino, sendo mais colaborativo e sensível a fatores psicológicos e emocionais, além de aspectos culturais que podem favorecer a adesão a diferentes propostas, incluindo a participação em pesquisas.⁸

Dentro do contexto de comportamentos e reações agressivas, o presente estudo observou que as crianças apresentaram uma baixa frequência. Resultados similares foram detectados em estudo realizado com 598 estudantes do ensino fundamental de três escolas do Estado de Minas Gerais e de São Paulo, o qual utilizou um instrumento de auto aplicação que avalia os comportamentos agressivos na situação escolar e no contexto familiar.⁹

A literatura referência que o comportamento agressivo é o resultado da interação social, e que a agressividade verbal, encontrada com mais frequência nesse estudo, é um processo naturalizado na escola e na família, o que traz repercussões importantes no desenvolvimento infantil.¹⁰

Quanto a reação internalizada, foi observado um alto índice, equivalente a outro estudo realizado no Brasil em escolas municipais de ensino fundamental da rede pública. Faz-se necessário investigar a incidência desse comportamento, uma vez que podem trazer tanto sofrimento quanto os externalizantes.¹¹

Constatou na presente investigação que algumas crianças não busca o professor quando sofre agressão, por isso é fundamental que os professores estabeleçam conversas

abertas com seus alunos, mostrando-lhes comportamentos adaptativos a agressão. No entanto, muitos deles não se sentem preparados para tal ação e não sabem como intervir. Logo deve-se criar políticas públicas com ênfase na capacitação dos profissionais da educação para que possam identificar os comportamentos agressivos e adotar estratégias, tornando a escola um espaço propício para o desenvolvimento infantil.¹

A respeito do sexo, obteve-se uma maior proporção de agressividade entre os meninos, assim como no estudo de Bolsoni-Silva et al. Isso pode estar relacionado com fatores culturais que permeiam a ideia de que as meninas não podem bater ou gritar, porque têm que ser “femininas” e que os meninos devem utilizar a agressão física porque são “homens”.¹¹⁻¹²

Acerca do tipo de instituição escolar, no presente estudo, o maior nível de agressividade foi encontrado na escola pública. Essa situação pode estar associada ao fato de que as famílias inseridas nesse contexto, na maioria das vezes de baixa renda, utilizam todos os seus recursos na busca pela sobrevivência não se dedicando a construção de relações afetivas saudáveis.¹³

A que se considerar também que a agressividade pode ser utilizada pela criança como um meio de chamar a atenção do adulto, alguém que ela sente afeto e que se identifica, que normalmente são seus pais e professores. Além do que, muitos comportamentos agressivos são anteriormente existentes à inserção no meio escolar. Portanto, a qualidade do relacionamento de uma criança na escola está diretamente relacionada aos recursos comportamentais adquiridos no cenário familiar.¹⁴⁻¹⁵

O estudo mostrou que crianças que tem pais separados são mais agressivas. Muitas vezes, durante o processo do divórcio os pais não são capazes de colocar o seu papel parental acima dos conflitos conjugais e se esquecem das demandas dos filhos, que ainda dependem deles. A criança, indefesa e muito sensível, envolve-se intensamente com o momento conturbado e sofre com prejuízos psicológicos e comportamentais.¹⁶

Pode-se considerar que a agressividade entre escolares é um problema de saúde pública, portanto cabe ressaltar a importância da interação dos profissionais inseridos na Estratégia de Saúde

da Família com os professores, a fim de conhecer o problema e propor medidas interventivas que contribuam não apenas para melhorar tais comportamentos, mas também aumentar a capacidade de socialização dessas crianças.¹⁷

Contudo, sabe-se que intervir não é uma tarefa fácil e dependerá da capacitação desses profissionais para que sejam aptos a investigar, diagnosticar e adotar práticas adequadas em situações de agressividade.¹¹

CONCLUSÃO

Acredita-se que o estudo apresenta contribuições importantes em relação a autoavaliação da criança frente ao seu comportamento agressivo e das suas atitudes em relação a esses comportamentos. Verificou-se que a maioria das crianças não apresentaram frequências elevadas de comportamentos e reações agressivas. E que as reações à agressão mais apresentadas foram as respostas internalizadas. Esse dado merece ser melhor investigado devido ao risco que pode causar ao desenvolvimento infantil.

Há que se ressaltar que o estudo apresenta limitações no que se refere ao uso apenas do autorrelato da criança frente aos comportamentos e reações a agressão, uma vez que pode não indicar a realidade pelo medo de ser punida, associado ao fato do número reduzido da amostra e maior contingente de respondentes serem do sexo feminino.

Será necessário desenvolver estudos com designs metodológicos mais robustos, envolvendo a família e os professores. A avaliação poderá ser conduzida pelos profissionais de saúde na Estratégia de Saúde da Família, o que, talvez, facilitará a obtenção das autorizações de seus responsáveis.

FINANCIAMENTO

Programa de Educação Tutorial SESu/MEC.

REFERÊNCIAS

1. Borsa JC, Bandeira DR. The Peer Aggressive and Reactive Behaviors Questionnaire (PARB-Q): evidence of validity in the Brazilian context. *Trends psychiatry psychother.* (Impr.) 2014; 36(2): 89-100. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2237-60892014000200089>. Acesso em: 28 out. 2019.
2. Brugman S, Cornet LJ, Smeijers D, Smeets K, Oostermeijer S, Buitelaar JK et al. Examining the reactive proactive questionnaire in adults in forensic and non forensic settings: A variable and person based approach. *Aggressive behav.* 2016; 43(2):155-162. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/ab.21671>
3. Silva IA; Lucatto LC; Cruz LAN; Martins RA. Considerações sobre a agressividade infantil. *Revista Olhares & Trilhas.* 2015; 17(21): 66-82. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/olhasesetilhas/article/view/30239/18026>> Acesso em: 28 out. 2018.
4. Moura SG; Barreira MML. Agressividade infantil no contexto escolar: contribuições do psicólogo para a formação de professores. *Rev Humanidades.* 2017; 32 (2): 236-249. Disponível em: <<https://periodicos.unifor.br/rh/article/view/7480/5551>>. Acesso em: 28 out. 2019.
5. BRASIL. Estatuto da criança e do adolescente: lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990. Brasília - DF, 2019. Disponível em: <<https://www.mdh.gov.br/todas-as-noticias/2019/maio/governo-federal-lanca-nova-edicao-do-estatuto-da-crianca-e-do-adolescente-eca/ECA2019digital.pdf>>. Acesso em: 07 mai. 2016.
6. Santos MM, Kienen N. Características do bullying na percepção de alunos e professores de uma escola de ensino fundamental. *Trends Psychol.* 2014; 22(1):161-78. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2014000100013&lng=pt&nrm=i&tln=pt> Acesso em: 17 maio 2017.
7. R Core Team. R: A language and environment for statistical computing. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria, 2016. Disponível em: <<https://www.r-project.org/foundation/>> Acesso em: 08 mai. 2016.
8. Sarchiapone M, Mandelli L, Carli V, Iosue M, Wasserman C, Hadlaczky G et al. Hours of sleep in adolescents and its association with anxiety, emotional concerns, and suicidal ideation. *Sleep medicine.* 2014; 15 (2): 248-254. Disponível em: <<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/mdl-24424101>> Acesso em: 22 mai. 2017.
9. Barbosa AJG, Santos AAA, Rodrigues MC, Furtado AV, Brito NM. Agressividade na infância e contextos de desenvolvimento: família e escola. *Psico (Porto Alegre).* 2011; 42(2): 228-235. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Altemir_Barbosa/publication/268303287_Agressividade_na_infancia_e_contextos_de_desenvolvimento_familia_e_escola/links/553837670cf226723ab61898.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2016.
10. Gagliotto GM, Berté R, Vale GV. Agressividade da criança no espaço escolar: uma abordagem psicanalítica. *Revista Reflexão e Ação.* 2012; 20(1):144-160. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/2218/2048>>. Acesso em: 15 mai. 2017.
11. Bolsoni-Silva AT, Eleutério Levatti G, Meireles Guidugli P, Machado Marim VC. Problemas de comportamento, em ambiente familiar em escolares e pré-escolares diferenciados pelo sexo. *Interam j psychol.* 2015; 49(3): 354-364. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/284/28446020007.pdf>>. Acesso em: 19 mai. 2017.
12. Tasimi A, Young L. Memories of good deeds past: The reinforcing power of prosocial behavior in children. *J exp child psychol.* 2016; 147:159-166. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0022096516000485>>. Acesso em: 25 maio 2017.
13. Gequelim J, Carvalho MCN. Escola e comportamento anti-social. *Ciênc cogn.* 2007; 11:132-142. Disponível em: <<http://www.cienciasecognicao.org/revista/index.php/cec/article/view/657/439>> Acesso em: 17 mai. 2017.
14. Elias, LB, Prodócimo, NS, Serralha, CA, Scorsolini-Comin, F. Conversas com profissionais da educação infantil sobre a agressividade. *Barbarói.* 2014; 41: 174-188. Disponível em: <<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/psi-62393>> Acesso em: 25 ago. 2016.
15. Santos ZA, Soares AB. Habilidades sociais e bullying: um estudo entre agressores e vítimas. *Psicol argum.* 2016; 34(84):51-64. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/view/23307>>. Acesso em 16 mai. 2017.
16. Sobral AP, Brito SSL, Pereira TLS, Delevati DM. Separação conjugal e seus desdobramentos afetivos e comportamentais no desenvolvimento da criança. *Caderno de Graduação Ciências Biológicas e da Saúde.* 2014; 2(1): 91-108. Disponível em: <<https://periodicos.set.edu.br/index.php/fitbiosauade/article/view/1139/768>> Acesso em: 21 mai. 2017.
17. Silva FR, Assis SG. Prevenção da violência escolar: uma revisão da literatura. *Educ pesqu.* 2018; 44: e157305. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/2017nahead/1517-9702-ep-S1517-9702201703157305.pdf>. Acesso em: 23 mai. 2017.

Recebido em: 10/08/2019

Revisões requeridas: 16/10/2019

Aprovado em: 03/02/2020

Publicado em: 15/03/2021

Autora correspondente

Michelle Carvalho de Souza

Endereço: Universidade Federal do Triângulo Mineiro

Avenida Frei Paulino, 430

Uberaba/MG, Brasil

CEP: 38.025-180

E-mail: micarvalhosouza@hotmail.com

Número de telefone: +55 (35) 98705-7611

Divulgação: Os autores afirmam não ter conflito de interesses.